

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

n. 18, n. 1

O OUVIDO QUE NÃO OUVI, MAS ESCUTA...O SILÊNCIO QUE FALA

Osório Macedo BARRETTO

*“Cintilante é a água em uma bacia;
escura
é a água no oceano.
A pequena verdade tem palavras que
são claras;
a grande verdade tem grande
silêncio”
(Tagore, Pássaros errantes)*

Resumo

Na clínica psicanalítica, tanto a escuta ativa quanto o silêncio possuem papel crucial. A habilidade do analista de escutar é essencial, mas a capacidade do paciente de se abrir e ser escutado é igualmente vital para o sucesso da análise. Interpretações mal formuladas, que não consideram o estado receptivo do paciente, podem gerar resistência e atrasar o progresso terapêutico. O silêncio, em sua multiplicidade de significados, seja como sinal de resistência ou de acesso ao inconsciente, exige uma decodificação atenta por parte do analista. O poeta Fernando Pessoa destaca a complexidade desta tarefa ao afirmar “É fácil trocar as palavras, difícil é interpretar os silêncios!”, assim interpretar os silêncios é mais desafiador do que trocar palavras. Em síntese, a psicanálise reconhece tanto a potência das palavras quanto a profundidade do silêncio.

Palavras-chave: escuta; silêncio; transferência; resistência; interpretação.

No presente ensaio, reconheço o desafio intrínseco ao tema selecionado: a escuta e o silêncio no contexto da psicanálise. Desde os meus tempos de analisante, tal tema tem suscitado meu interesse e reflexão.

O silêncio, por natureza, representa uma ausência de verbalização. Contudo, paradoxalmente, muitas vezes ele está carregado de presença e significado.

Existem variados tipos de silêncio. No léxico, ele é associado a conceitos como mutismo, insonoridade, quietude, discrição, entre outros. Há silêncios eloquentes e palavras vazias. Existem silêncios que demandam atenção, silêncios

que sufocam, que incitam, que estão enraizados na impotência, na cautela, e até mesmo na repressão. Por outro lado, há silêncios que emancipam e outros que causam inquietação.

Na esfera da comunicação, o silêncio não é mero vazio, mas detém uma rica capacidade comunicativa. Expressões populares, como “o silêncio fala mais do que as palavras” ou “quem cala consente”, sublinham essa potência.

No domínio da psicanálise, pode-se afirmar que o silêncio tem sido um pilar desde suas origens. É uma constante nas sessões, quer seja na ausência da fala ou na pausa contemplativa. Quanto à audição e à escuta, a primeira refere-se à capacidade sensorial, enquanto a segunda demanda uma atenção focada e intencional. Em seus textos sobre a técnica psicanalítica, produzidos entre 1912 e 1915, Freud enfatizou que a principal incumbência do analista é escutar com uma “atenção flutuante”, ou seja, uma atenção uniformemente suspensa.

O silêncio, compreendido como a retenção da fala, é crucial no exercício da psicanálise. Através dele, o psicanalista suspende sua predisposição à compreensão, julgamento e presunção de conhecimento. Não é um mero mergulho no silêncio, mas sim um movimento guiado por ele, até que a palavra emerja.

Neste ensaio, nosso propósito é explorar de forma mais aprofundada a escuta e subsequente silêncio, não só na perspectiva do psicanalista mas também do analisante.

A ESCUTA NA PSICANÁLISE

A psicanálise, enquanto campo de estudo e prática, se estrutura na complexidade da linguagem humana e nas nuances que a subjetividade do ser pode manifestar. Nesse âmbito, a escuta emerge como ferramenta fundamental, delineando-se de forma distinta de qualquer outro método terapêutico. Caracteriza-se por uma abertura, não apenas à linguagem explícita, mas também àquelas expressões subjetivas que muitas vezes subvertem a estrutura linguística padrão.

Dentro do espaço analítico, a escuta vai além do mero ato de ouvir. Ela compreende, absorve e interpreta, captando não somente o que é verbalizado, mas também aquilo que se esconde nas entrelinhas. Atos falhos, chistes, sonhos, equívocos, repetições e sintomas são revelações da subjetividade do analisante que, muitas vezes, desafiam categorizações preestabelecidas ou rótulos convencionais. Eles são os

emissários do inconsciente, trazendo à tona conteúdos que, em situações normais, permaneceriam velados.

Para o analista, a postura de escuta deve ser revestida de uma neutralidade reflexiva. Ele deve estar ciente e cuidadoso para não permitir que suas próprias questões inconscientes e não resolvidas afetem ou interfiram na interação analítica. Jacques Lacan, um dos grandes nomes da psicanálise, argumentou que a análise do próprio analista não se encerra em sua formação, mas continua, sutilmente, através dos discursos de seus analisantes.

Essa contínua interação entre o analista e o analisante, mediada por uma escuta atenta e aberta, torna possível a revelação e a elaboração dos conteúdos inconscientes, permitindo uma compreensão mais profunda da psique humana e facilitando o processo terapêutico.

Na psicanálise, a escuta se revela não apenas como uma técnica, mas como uma arte de decifrar o que é enunciado e, crucialmente, o que é omitido. O analista, neste contexto, não se limita a ouvir as palavras manifestas, mas procura atentamente as entrelinhas, o não-dito, aquilo que permanece velado e que se manifesta de formas variadas no discurso do analisante.

Freud, em seus ensinamentos, introduziu o conceito de “atenção flutuante”, que orienta o analista a manter uma escuta despreocupada e desprovida de preconceitos. Como ele menciona em “Recomendações aos Médicos que praticam a Psicanálise” (1912, p. 125), é essencial que a atenção seja “uniformemente suspensa” diante de tudo que se escuta.

A capacidade de desenvolver e manter essa escuta, que parece sem esforço e livre de focos específicos, requer treinamento e disciplina. Freud adverte sobre o perigo de fixar-se em um ponto específico, pois tal foco restringido pode obscurecer outras dimensões cruciais do discurso do paciente.

Podemos dizer, portanto, que o processo próprio do recalque se dá em silêncio. (1911). Com frequência acontece de constatarmos o seguinte fato: quando as associações falam (falo das associações que realmente não se apresentam e não daquelas que o analisando cala em consequência de um simples sentimento de desprazer), esse obstáculo por ser levantado a cada vez assegurando-se ao paciente que ele se encontra, no momento, sob o domínio de uma ideia que se liga à pessoa do médico ou a alguma coisa relacionada com este último. Dada essa explicação, o obstáculo é

superado, ou, pelo menos, a ausência de associações transforma-se em recusa de falar. (1912)

Dentro desta moldura, o desejo do analista não é simplesmente uma inclinação pessoal, mas um desejo de análise. É um anseio de elucidar o desejo do analisante, encorajando-o a associar livremente e desvendar as complexidades de seu inconsciente.

Jacques Lacan, avançando no campo psicanalítico, enfatizou a escuta no contexto da linguagem, afirmando que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”. No cerne desta perspectiva, está o conceito de cadeia significante. Cada “significante” é uma entidade que representa o sujeito para outro significante. É no jogo dessas relações significantes que o sujeito se revela e, ao se manifestar através da fala, se torna o sujeito do inconsciente, situando-se no lugar da verdade.

(...) se a transferência se faz intensa demais, produz-se um fenômeno crítico que evoca a resistência, a resistência sob a forma mais aguda em que se pode vê-la manifestar-se – o silêncio (...). É preciso dizer também que, se esse momento chega em tempo oportuno, o silêncio toma todo seu valor de silêncio – ele não é simplesmente negativo, mas vale como um além-da-palavra. Certos momentos de silêncio na transferência representam a mais aguda apreensão da presença do outro como tal. (7/7/1954)

Assim, a escuta analítica não é meramente passiva. É ativa, dinâmica e engajada, sempre atenta aos significantes que emergem e à maneira como eles se relacionam, formando cadeias e revelando os desejos e conflitos subjacentes do sujeito. Ao desvelar essas complexidades, a psicanálise possibilita uma compreensão mais profunda da subjetividade humana e proporciona caminhos para o autoconhecimento e a transformação pessoal.

O SILÊNCIO DO PSICANALISTA: ENTRE RECALQUE E REVELAÇÃO

No cerne da prática psicanalítica, encontramos uma dialética entre a palavra e o silêncio. O silêncio, em sua profundidade, não se trata apenas de uma ausência de som ou discurso, mas é, por sua natureza, carregado de significado. No universo freudiano, a relação entre o silêncio e o inconsciente é evidente, pois, como ressaltado, o inconsciente pode ser concebido como um “discurso sem palavras”.

Freud propõe a ideia de que o silêncio pode ser equiparado ao processo do recalque e, ainda mais profundamente, à pulsão de morte. Esse recalque opera

silenciosamente, mantendo os conteúdos inconscientes afastados da consciência. Aqui, a perspectiva lacaniana do “semblante do objeto a” ilustra essa dupla natureza do silêncio: teoricamente, como um simulacro do silêncio estrutural da psique, e tecnicamente, como uma postura que o analista pode adotar para favorecer a interpretação.

A prática da escuta analítica, apesar de priorizar a comunicação verbal, não pode prescindir do poderoso silêncio reflexivo do analista. Este silêncio, quando bem empregado, convoca o analisante a se expressar livremente, sem autocensura. No entanto, para que esse silêncio seja eficaz, o analista deve garantir que ele não seja interpretado como indiferença ou negligência. A atenção visível, a postura receptiva e o compromisso genuíno são essenciais para que o paciente perceba esse silêncio como parte integrante do processo analítico, um espaço que permite novas associações, *insights* e revelações.

O risco inerente ao silêncio é que, se mal gerido, pode gerar desconforto ou ansiedade no analisante. O desafio é equilibrar o silêncio com a comunicação adequada, assegurando que o paciente se sinta acolhido e compreendido. O silêncio, quando empregado com maestria, amplifica o impacto da palavra falada, intensificando a autorreflexão e promovendo uma exploração mais profunda do mundo interno do paciente.

No contexto psicanalítico, o silêncio não é apenas um espaço vazio, mas uma ferramenta poderosa, um convite à introspecção, e um reflexo do profundo trabalho interno que se desenrola durante o processo analítico.

A singularidade do tratamento psicanalítico reside, entre outros aspectos, na relação que se estabelece entre analista e analisante, uma relação embebida no fenômeno da transferência. Esta, por sua vez, não se desenrola apenas nas palavras trocadas, mas também nos vazios e pausas—no silêncio.

O estilo e abordagem de cada analista são únicos e moldados por anos de formação, autoanálise e experiência clínica. Conforme apontado por Freud em seus Escritos Técnicos, uma das virtudes cardinais do analista é a paciência. Este atributo é particularmente necessário quando se navega no território do silêncio na análise.

O silêncio do analista pode convocar no analisante o conceito de um Sujeito Suposto Saber (SsS), um ideal que o paciente pode buscar em diversos aspectos de sua vida. Este conceito, fundado na transferência, sugere que o paciente acredita, num nível inconsciente, que o analista detém um conhecimento secreto ou um *insight* sobre sua vida

interior. O silêncio do analista pode intensificar essa crença, criando um terreno fértil para a emergência da transferência.

Em “A dinâmica da Transferência”, Freud destaca a natureza da transferência como uma forma de resistência. Ele entende que o paciente reproduz, no espaço analítico, relações e dinâmicas emocionais de experiências passadas, projetando-as no analista. O silêncio do analista pode, paradoxalmente, amplificar a potência desse fenômeno. Ao optar por não intervir verbalmente, o analista pode criar um espaço no qual o analisante se vê impelido a preencher com seus próprios conteúdos, desejos e projeções.

O silêncio compartilhado entre analista e analisante não é uma mera ausência de fala. É um terreno carregado, um espaço de espera, reflexão e potencial transformação.

Este silêncio não é despojado de presença, mas é um convite à introspecção, permitindo que o analisante explore suas próprias profundezas na presença contínua, embora silenciosa, do analista. Em sua profundidade, o silêncio abre portas para a exploração do inconsciente e o surgimento de *insights* terapêuticos.

SILÊNCIO DO PACIENTE

Quanto ao silêncio do paciente, deve-se observar se é um silêncio tranquilo, de relaxamento, procurando encontrar o sintoma que está incomodando e sobre o qual deseja falar. Quase sempre, o discurso esconde o que o silêncio revela.

Se é um silêncio angustiado, confuso, receoso de dizer as palavras que lhe vem à cabeça, ou se é timidez ou medo de se expor.

Os pacientes em reflexão precisam do silêncio do analista os acompanhando. O analista precisa estar presente, mas suas palavras não. Os pacientes estão sempre dizendo a verdade quando dizem que não têm “nada a dizer”, entretanto para encontrar esse “nada a dizer” é preciso falar (Zolty, L., in Nasio, J.-D. 1989, p. 170).

A psicanálise traduz o silêncio como as mensagens do inconsciente. A célebre asserção lacaniana: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” não significa em absoluto que o inconsciente seja feito de palavras ou de sons; o inconsciente não é uma língua, ainda que nasça por meio de uma língua. Para a análise do discurso, o silêncio é o lugar da palavra, é vazio, mas repleto de sentidos.

O silêncio em seus múltiplos sentidos pode falar da vida ou da morte, da alegria ou da tristeza, do passado ou do presente, da parada ou do isolamento; mas sempre será o

lugar misterioso da palavra que por falta de tradução, permaneceu ausente e aberta a muitos sentidos.

Como destacou Lacan, “o silêncio toma todo o seu valor de silêncio, não é simplesmente negativo, mas vale como além da palavra”.

O silêncio enquanto comunicação é uma coisa e o silêncio como bloqueio é outra. Assim, cabe ao analista dentro do seu estilo e ética, descobrir o tipo de silêncio e tratá-lo adequadamente.

Há casos onde o silêncio está a serviço da resistência. Exemplificando, comentarei o caso de uma paciente que atendi, do qual lembrei-me agora. Esta paciente era bastante falante em suas sessões de psicoterapia, porém certo dia, após alguns minutos do início da sessão faltou energia. Na escuridão do consultório e no silêncio do ar condicionado, só se ouvia os pássaros cantando no entorno. Permanecemos ambos em absoluto silêncio durante uns cinco minutos. De repente, ela falou: “esses pássaros cantando lá fora lembram o sítio da minha infância que tinha um roçado dentro.” Então lhe perguntei: Que tio? Imediatamente, respondeu: “tio X que era muito brincalhão e guloso, era irmão do meu pai”.

A partir desse momento, começou a falar sobre o seu pai (nunca havia falado), descarregando todo ressentimento e raiva sobre ele, dizendo que o mesmo internou sua mãe na Tamarineira (Hospital Ulysses Pernambucano), retirou os brincos (presente de sua mãe) de sua orelha para presentear a filha de sua amante que havia nascido.

Outro caso, também sobre o silêncio, foi o do paciente de 25 anos que no início da sessão disse: hoje eu não quero falar! Então lhe perguntei: falar de que? Ele respondeu, posso desenhar? Entreguei-lhe o material e o mesmo fez um desenho sobre o qual solicitei que comentasse, o que ele fez de imediato. No desenho tinha uma casa com o número 51. Falei 15 e o mesmo retrucou dizendo que o número da casa é 51. Então fiz a seguinte pergunta, e 15? Então contou chorando que quando tinha 15 anos foi assediado pelo técnico do esporte que praticava...confirmando assim, o que Sophie Morgenstern publicou na revista francesa de psicanálise em 1927 sobre introduzir na técnica do atendimento a crianças o desenho como uma resposta ao silêncio. Dessa forma, constatei, conforme comentário acima, que essa técnica do desenho vale também para pacientes de todas as faixas etárias.

Pelo exposto nesses fragmentos de duas sessões, pode-se pensar que, naquele silêncio, a paciente se comunicava com o pai já falecido e quando fiz a escansão do

significante sítio, interrogando sobre o tio, criou-se a possibilidade para que a mesma falasse sobre o pai, revivendo uma situação de sua vida onde se sentiu desamparada, insegura, desapontada e raivosa pelas atitudes daquele pai.

Quanto ao paciente que escolheu desenhar em vez de falar, ao comentar o desenho veio à tona um trauma ocorrido há dez anos. Pelo tempo da ocorrência desses fatos, observamos “o só depois” comentado por Freud nos casos de Dora e do Homem dos Lobos.

Dentro do cenário psicanalítico, o silêncio não é apenas uma ausência de som ou palavra. Ele possui múltiplas faces e, quando manifestado pelo paciente, pode ser um campo rico para exploração e compreensão de dinâmicas internas não verbalizadas.

O silêncio do analisante pode ser um indicativo de diversos estados e processos internos. Uma pausa reflexiva pode ser o prelúdio de um *insight* ou de uma associação importante. Por outro lado, o silêncio pode ser também um sintoma de defesa, evitando enfrentar memórias dolorosas ou sentimentos perturbadores.

Uma observação cuidadosa da natureza deste silêncio é crucial:

Silêncio Tranquilo: Esse silêncio pode ser interpretado como um momento de introspecção, onde o paciente está em processo de acessar sentimentos e pensamentos profundos. Pode ser o espaço necessário para encontrar e articular aquilo que o incomoda.

Silêncio Angustiado: Revela uma luta interna, onde talvez o paciente esteja em confronto com memórias, sentimentos ou pensamentos que geram ansiedade. A hesitação em verbalizar pode ser motivada pelo medo de julgamento, rejeição ou simplesmente pelo desconforto de trazer à tona conteúdos reprimidos.

Silêncio de Timidez ou Medo: Aqui, o paciente pode estar enfrentando barreiras relacionadas à vulnerabilidade, insegurança ou temor de exposição. A intimidade do setting analítico pode ser intimidante para alguns, e o silêncio pode ser uma maneira de se proteger.

O papel do analista diante desses silêncios é crucial. Enquanto o paciente reflete, o silêncio do analista oferece um espaço seguro e contido. A ausência de interrupção ou direcionamento por parte do terapeuta permite que o paciente navegue em sua própria psique, buscando sua verdade interior.

Como Zolty e Nasio destacam, mesmo quando o paciente acredita não ter “nada a dizer”, o ato de falar, mesmo que sobre esse “nada”, pode ser terapeuticamente valioso. O

silêncio do paciente, portanto, é mais do que uma pausa — é um convite à escuta ativa e ao aprofundamento da análise.

SILÊNCIO NA PSICANÁLISE: O PALCO DO INCONSCIENTE

O silêncio na psicanálise, como bem destacou, vai além de uma simples ausência de som ou discurso verbal. Na prática psicanalítica, ele pode ser tão comunicativo quanto as palavras, uma vez que é frequentemente carregado de significados profundos, ecos das lutas internas do inconsciente.

1. Inconsciente e Linguagem: Quando Lacan afirma que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem”, ele não se refere a uma linguagem articulada em termos de vocabulário e gramática, mas sim à lógica e à estrutura que dão forma à expressão inconsciente. Palavras e frases podem ser ausentes, mas os significantes – as unidades mínimas de significado que constroem a linguagem – estão presentes, e estes podem se manifestar através do silêncio.

2. Silêncio e Significação: O silêncio pode ser a arena em que os significantes jogam, onde as emoções, memórias e desejos reprimidos encontram espaço para emergir. Enquanto um espaço vazio, ele permite que o inexprimível e o indecifrável venham à tona. E é essa natureza multifacetada do silêncio que pode torná-lo tão potente na clínica psicanalítica.

3. O Além da Palavra: Como Lacan destaca, o valor do silêncio não está apenas em sua negação da palavra, mas em sua capacidade de apontar para algo além da verbalização. Por vezes, o que está além das palavras é mais revelador sobre a psique do indivíduo do que aquilo que é falado.

4. Descobrendo o Silêncio: Nem todo silêncio é criado igual. Em alguns momentos, ele pode ser uma expressão de resistência, uma barreira defensiva contra memórias traumáticas. Em outros, pode ser um espaço meditativo de introspecção e reflexão. Cabe ao analista discernir o que está por trás desse silêncio. É vital que ele esteja sintonizado não apenas com o que é dito, mas também com o que é omitido.

Dentro da prática psicanalítica, o silêncio é uma janela para a alma tanto quanto as palavras. O desafio para o analista é decodificar esse silêncio, entender seus matizes e significados, e usar esse entendimento para ajudar o analisante a navegar em sua jornada de autoconhecimento e cura.

Ambos os casos são ilustrativos do papel potente que o silêncio desempenha na psicanálise, especialmente no que diz respeito à resistência e às defesas do ego. Aqui estão algumas reflexões sobre os casos:

1. A Memória Sensitiva e o Silêncio: No primeiro caso, o silêncio foi uma pausa inesperada devido a uma falha na energia. Aqui, a ausência de estímulos externos e a serenidade momentânea permitiram que a paciente se conectasse a uma memória sensitiva – o canto dos pássaros. A audição, nesse contexto, se tornou a ponte para uma memória que, até então, estava escondida ou reprimida.

2. O Silêncio e a Resistência: O silêncio do segundo paciente foi claramente uma expressão de resistência. Seu pedido para não falar é uma defesa que ele ergueu. No entanto, sua abertura para se comunicar através de um desenho é notável. Isso reforça a ideia de que, enquanto alguns podem resistir à comunicação verbal, eles podem estar dispostos a se expressar por outros meios.

3. A Técnica do Desenho: A técnica do desenho, apontada aqui referindo-se à Sophie Morgenstern, serve como um meio alternativo de comunicação. O desenho pode ser menos ameaçador para alguns pacientes do que as palavras e pode servir como uma ponte para acessar memórias ou sentimentos reprimidos. A interação com o número da casa é um exemplo de como pequenos detalhes em um desenho podem revelar significados profundos.

4. A Flexibilidade do Analista: O que esses dois casos também ilustram é a importância da flexibilidade e adaptabilidade do analista. Ao estar sintonizado com as necessidades do paciente, seja permitindo um momento de silêncio ou oferecendo meios alternativos de expressão, o analista pode acessar áreas da psique do paciente que de outra forma poderiam permanecer ocultas.

Em suma, o silêncio na psicanálise não é apenas uma ausência de som. É uma entidade dinâmica e complexa que pode funcionar como um catalisador para a introspecção, um escudo contra traumas passados, ou uma ponte para memórias esquecidas. A habilidade do analista em navegar e interpretar o silêncio é crucial para o progresso terapêutico.

A psicanálise sempre deu importância à escuta das omissões, dos lapsos e do não-dito tanto quanto ao que é verbalizado. O silêncio é multifacetado e pode variar em significado e intenção dependendo do contexto, do indivíduo e do momento específico na análise.

A Escansão e o Significante: No caso da paciente, seu questionamento sobre o tio serviu como um ponto de entrada, ou escansão, para acessar memórias e sentimentos reprimidos em relação ao pai. O simples ato de realçar um aspecto da memória dela ajudou a desencadear uma avalanche de emoções e percepções previamente não expressas.

O “Só Depois” de Freud: Você mencionou o conceito de “só depois” (ou “Nachträglichkeit”) de Freud, que se refere à ideia de que um evento ou experiência pode adquirir um novo significado ou relevância em um momento posterior, devido a uma nova experiência ou compreensão. No caso do paciente que foi assediado, o trauma pode não ter sido totalmente processado ou compreendido na época em que ocorreu, mas só depois, através da expressão no desenho e posterior verbalização, sua verdadeira importância e impacto vieram à tona.

Singularidade do Silêncio: Você destaca corretamente que o silêncio possui singularidades, variando entre ser um sinal de resistência ou uma abertura para o inconsciente. O desafio para o analista é decodificar esse silêncio e discernir o que ele pode estar tentando comunicar. O silêncio pode ser tanto uma barreira quanto uma janela para o inconsciente.

O Lugar Originário da Palavra: O silêncio não é apenas a ausência de palavras, mas também pode ser o espaço onde a palavra toma forma. Esse espaço permite que emoções, traumas e memórias que estavam previamente inacessíveis venham à tona e sejam articuladas.

A capacidade do analista de permanecer atento e receptivo ao silêncio, de interpretá-lo e de usar esse silêncio como uma ferramenta no processo de análise, é fundamental para o progresso terapêutico. Como você ilustrou, o silêncio tem muito a dizer e oferece uma rica tapeçaria de significados esperando ser desvendada.

REFERÊNCIAS

- LACAN, J. “Ato de fundação”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.
- NASIO, Juan-David. O silêncio em psicanálise. Campinas: Papyrus Editora, 1989.
- FREUD, Sigmund. Esboço da psicanálise. Obras completas (1940[1938]). v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. Os chistes e sua relação com o inconsciente. v. VIII. 1976.
- _____. Além do princípio do prazer. v. XVIII. 1976.
- ZOLTY, L., in Nasio, J.-D. O Silêncio em Psicanálise. Papyrus: São Paulo, 1989.